

O Esoterismo Ocidental enquanto área de Estudos (incontornável) da História das Ideias

- **Rui Lomelino de Freitas**

Investigador e Coordenador da Linha de Investigação em Gnose e Esoterismo Ocidental, Área de Ciência das Religiões da Universidade Lusófona (ULHT)

Resumo:

Saído de uma “quarentena epistemológica”, o Esoterismo Ocidental constitui-se cada vez mais como um campo de estudos de importância nuclear para compreender diversas manifestações filosóficas, religiosas e espirituais ao longo da História e na época actual. Tendo encontrado pleno desenvolvimento na área temática da Ciência das Religiões¹ e no contexto científico da História das Ideias², o termo *Esoterismo Ocidental* designa hoje um campo de pesquisa, essencialmente histórico, filosófico e do fenómeno religioso, cujos objetos e método estão academicamente delimitados e definidos. Conhecer o enquadramento e as ferramentas metodológicas desse campo de estudos, é essencial para realizar algum tipo de produção científica neste âmbito. Com o presente artigo, esperamos fornecer a todos os interessados, um contributo nesse sentido.

¹ Ver sobre o carácter não confessional e definições em: Pinto, P. M. *Ciência das Religiões: Elementos para definição de uma área de conhecimento*. Acedido em 3 de novembro de 2017, em https://www.academia.edu/302531/Ciência_das_Religiões_Elementos_para_definição_de_uma_área_d_e_conhecimento.

² Ver a este respeito: Ricardo Oliveira da Silva (julho 2015). *História das ideias: abordagens sobre um domínio historiográfico*. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*. Vol. 7, n.º 13. Consultado a 3 de novembro de 2017, em <https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/view/300/221>.

Palavras-chave: Esoterismo Ocidental; Filosofia Hermética; Gnose; Neoplatonismo; História das Ideias

Abstract:

After emerging from an "epistemological quarantine," Western Esotericism is increasingly becoming a field of study of nuclear importance to understand various philosophical, religious and spiritual manifestations throughout history and in the present age. Having found full development in the thematic area of the Science of Religions and in the scientific context of the History of Ideas, the term 'Western Esotericism' today designates a field of research, essentially historical and philosophical and on the religious phenomenon, whose objects and method are academically delimited and defined. Knowing the framework and the methodological tools of this field of study is essential to carry out any kind of scientific production in this field. With this article, we hope to provide all those interested in developing work in this field a positive contribution.

Keywords: Western Esotericism; Hermetic Philosophy; Gnosis; Neoplatonism; History of Ideas

Como referia Nicholas Goodrick-Clarke, o Esoterismo Ocidental saiu de uma quarentena epistemológica, sendo o estudo académico um fenómeno recente das últimas décadas. As suas raízes podem ser encontradas no hermetismo, no neoplatonismo, no gnosticismo e nas tradições helénicas. Mas, durante séculos, este foi um campo de confronto entre apologistas e detratores, onde as ortodoxias emergentes definiam os seus traços identitários por oposição à *haeresis* rejeitada.

Chegaram até nós testemunhos de uma crítica violenta deste tipo, por parte da comunidade auto-denominada ortodoxa³ dos primeiros séculos do cristianismo,

³ Etimologicamente de *orto* e *doxa*. Literalmente, 'a opinião correta'. Nos primeiros séculos do cristianismo, a nascente comunidade que viria a considerar-se como *catholica*, no sentido de 'geral', para todos, autodesignava-se como a ortodoxa, por oposição às comunidades que estariam no 'erro'.

protagonizada por personalidades fortes como Irineu de Lyon (ca. 130 - ca. 202) ou Tertuliano (ca. 160 – ca. 220), em relação às comunidades gnósticas⁴ do seu tempo. Mas é muitos anos mais tarde, na Contemporânea Era da Razão, que temas como alquimia, magia ou astrologia passaram a ser considerados como expressões residuais e primitivas de uma irracionalidade sombria que as luzes alegavam ter o papel de dissipar, em defesa da maturidade de um ser-humano que se pretendia esclarecido. O modelo kantiano, com a sua impossibilidade de conhecimento da ‘coisa em si’, organizou razão e fé em departamentos separados e remeteu o sentido moral para o “imperativo categórico”, não deixando espaço para a gnose e para a mística enquanto formas de conhecimento.

Já no século XX, ainda antes da Segunda Guerra Mundial, o esoterismo regressa à academia enquanto campo essencialmente da História das Ideias, a partir de importantes descobertas acerca da herança do Hermetismo e Neoplatonismo para a cultura ocidental. Autores como Mircea Eliade (1907-1986), Henry Corbin (1903-1978) ou Frances Yates (1899-1981), ficarão conhecidos pelos contributos determinantes para um processo que culmina numa estabilização e delimitação de conceitos – apesar de que algumas teses de Yates não sejam mais aceites na sua forma radical. Neste contexto, foi fundamental, nos anos Trinta, em Londres, o desenvolvimento de um importante centro de investigação – o Warburg Institute – inicialmente composto por historiadores, refugiados de Hamburgo, na Alemanha. Nele, além de Frances Yates, surgem nomes como o de Ernst Cassirer, Edgar Wind, e D. P. Walker, com diversos e valiosos contributos para que viesse a ser possível um conhecimento mais aprofundado do papel histórico que determinadas correntes esotéricas tiveram no desenvolvimento da cultura ocidental. Uma das teses seminais neste processo de abertura do debate académico, encontramos-la no livro de Frances Yates, *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition* (1964). Nesta obra, a autora coloca a redescoberta da tradição Hermética no Renascimento como sendo um dos acontecimentos mais centrais e importantes para a emergência da Modernidade, contribuindo assim para que a ‘Tradição Hermética’ se tornasse um tema de interesse

⁴ Gnóstico, de ‘gnose’, *gnosis*, o termo grego utilizado para designar um conhecimento direto, de experiência própria, diferente de *episteme*, conhecimento metodológico, teórico. Uma parte considerável dos cristianismos iniciais possuía o conceito de ‘gnose’ como eixo central, considerando a experiência do Espírito e da ‘cristificação’ – tornar-se um Cristo – como chave do processo soteriológico. Seria, portanto, a *gnosis*, e não somente a *pistis*, que permitiria a “salvação”. Ver sobre isso na introdução crítica de Antonio Piñero da *Biblioteca de Nag Hammadi* e, como fonte direta, entre outras, o texto do *Evangelho da Verdade*, atribuído a Filipe, ou o *Evangelho de Tomé*.

académico. A autora defendeu também que a filosofia hermética e, em particular, o ‘Movimento Rosacruz’, criaram condições para que se desse mais tarde a Revolução Científica. Como referimos, embora as teses de Yates, não sejam nos dias de hoje tomadas na sua forma ‘em bruto’, ela teve o inegável mérito de colocar alguns temas na ordem do dia do debate e pesquisa académicos.

O Esoterismo entra pela primeira vez no currículo oficial de uma universidade somente em 1965 com a disciplina *História do Esoterismo Cristão*, na área de Estudos Religiosos da École Pratique des Hautes Études da Universidade da Sorbonne, em Paris, sendo o primeiro diretor da cadeira François Secret (1911-2003), cujo percurso académico o levou a uma especialização em Cabala Cristã. Em 1979 a cadeira passaria a ser dirigida por Antoine Faivre⁵, atual diretor da edição científica *Cahiers del Hermétisme*, passando a designar-se por “História das Correntes Esotéricas e Místicas na Europa Moderna e Contemporânea”. Antoine Faivre será o primeiro a definir Esoterismo Ocidental como campo de estudo, dando assim um importante impulso à investigação neste campo, especialmente da Filosofia hermética. Esse impulso é o que dará origem, em 1999, ao Centro de História da Filosofia Hermética e Correntes Relacionadas da Universidade de Amesterdão, que oferece atualmente um programa completo em Esoterismo Ocidental, desde a licenciatura até ao doutoramento, sob a direção de Wouter Hanegraaff. A Universidade de Groningen, na Holanda, criou em 2012 um novo Mestrado, com o título *Conhecimento Escondido: Gnosticismo, Esoterismo e Misticismo*, e a Universidade Rice (Houston, EUA) oferece um programa de Mestrado com o título *Gnosticismo, Esoterismo, Misticismo*. Desde 2014 a Universidade Lusófona oferece as cadeiras de Esoterismo Ocidental, e de Cristianismo Gnóstico, como disciplinas opcionais do Mestrado em Ciência das Religiões, em prossecução do lema da Universidade: *Humani Nihil Alienum: nada do que é humano nos é estranho*.

Na sua metodologia, estas disciplinas encontram respaldo na prática desenvolvida na última década pela área de Ciência das Religiões desta Universidade, que é o referencial em Portugal de uma abordagem laica, neutra e equidistante, assumindo através da Linha de Investigação em Gnose e Esoterismo Ocidental, o debate epistemológico

⁵ Faivre é cofundador da European Society for the Study of Western Esotericism e, com Wouter Hanegraaff e Roland Edighoffer, atual editor da revista *Aries*.

desenvolvido a partir das bases lançadas pelas universidades de Sorbonne, Pari, e da Universidade de Amsterdão.

O que é o Esoterismo

O substantivo ‘esoterismo’ provém do adjetivo grego *esôterikos*⁶, que significa relativamente ao ‘mais interior’. O termo surge pela primeira vez com Luciano de Samósata (aprox. 120-180 d. C.) na sua obra satírica *O Leilão dos Filósofos*⁷.

Antoine Faivre (1994: 7) define esoterismo como sendo um “padrão de pensamento”. Segundo Faivre, as tradições esotéricas do Ocidente⁸ têm a origem em diferentes formas de filosofia helénica, e particularmente no Gnosticismo, no Hermetismo e no Neoplatonismo. Estas correntes e as suas ciências tradicionais (alquimia, magia e astrologia) chegaram à Europa medieval através das culturas Islâmica e Bizantina. A partir da confluência renascentista entre o Neoplatonismo, a Cabala e o Hermetismo, incluindo astrologia, alquimia e magia, Antoine Faivre definiu quatro características intrínsecas⁹ definidoras do “padrão de pensamento” esotérico.

⁶ Etimologicamente, segundo o investigador António de Macedo [s. d.], o adjetivo *eksôterikos*, -ê, -on (exterior, destinado aos leigos, popular, exotérico) já existia em grego clássico, ao passo que o adjetivo *esôterikos*, -ê, -on (no interior, na intimidade, esotérico surgiu na época helenística sob o Império romano. Diversos autores os utilizaram. (...). Têm a sua origem, respetivamente, em *eisô* ou *esô* (como preposição significa ‘dentro de’, como advérbio significa ‘dentro’), e *eksô* (como prep. significa ‘fora de’, como adv. significa ‘fora’). Destas partículas gramaticais (preposição, advérbio) os gregos derivaram comparativos e superlativos, tal como no caso dos adjetivos. Em regra, o sufixo grego para o comparativo é -teros, e para o superlativo é -tatos. Por exemplo, o adjectivo *kouphos*, leve, tem como comparativo *kouphoteros*, “mais leve”, e como superlativo *kouphotatos*, “levíssimo”. Do mesmo modo, do adv./prep. *esô* obtém-se o comp. *esôteros*, ‘mais interior’, e o sup. *esôtatos*, muito interior, interno, íntimo.

⁷ A sátira, composta por volta do ano 166 d. C., descreve um mercado no qual Hermes e Zeus estão a vender vários filósofos. Os deuses anunciam que estão a vender dois discípulos de Aristóteles pelo preço de um, em que “um é visto pelo lado de fora e o outro é visto pelo lado de dentro”. Avisam então os possíveis compradores para o facto de que, caso os adquiram, não se deverão esquecer de dar ao primeiro o nome de “*Eksôterikos*” e ao segundo o de “*Esôterikos*”.

⁸ Embora Antoine Faivre não seja integralmente claro quanto ao sentido em que utiliza o termo, iremos considerar, nesta dissertação, a definição de *Ocidente*, no sentido dado pelo historiador Carroll Quigley na sua obra *A Evolução das Civilizações* (p. 84), em <https://archive.org/stream/CarrollQuigley-TheEvolutionOfCivilizations-AnIntroductionTo/CarrollQuigley-TheEvolutionOfCivilizations-AnIntroductionToHistoricalAnalysis1979#page/n0/mode/2up>, consultada a 11 de dezembro de 2017.

⁹ Além destas quatro características, o autor (Faivre, 1994) considera que por vezes se podem associar duas outras, secundárias. Designadamente: a) a característica da concordância, na qual se procura inteligir um sistema universal que traduza uma realidade essencial e comum a todas as tradições espirituais (como sucede no Perennialismo e na Prisca Theologia); b) transmissão, na qual um conhecimento especial é adquirido através de um processo de transmissão de mestre a discípulo, segundo mecanismos muito precisos. Estas condições tornam-se particularmente importantes na génese e no desenvolvimento de sociedades secretas no Ocidente.

1. Sistema de Correspondências: todas as partes do Universo, visíveis ou invisíveis, estão interligadas através de uma série de correspondências ou analogias¹⁰.

2. Noção ou experiência de Natureza Viva¹¹: o cosmos é percebido como entidade animada por uma *alma*, uma *anima mundi*, complexa, plural e hierarquizada. O mago é aquele que conhece as simpatias ou antipatias que interligam entre si todas as coisas naturais e a forma de as operar e manipular.

3. Noção ou experiência de Visão, ou Imaginação¹², Interior. A necessidade de posse de um “órgão da alma” a partir do qual é possível ‘ver’ e estabelecer uma relação cognitiva e visionária, com as realidades intermediárias espirituais que ligam o micro ao macrocosmo¹³.

4. Transmutação¹⁴: experiência transformadora que têm como ponto de partida uma intuição espiritual sobre a natureza essencial do cosmo e do ser humano. As descrições comuns de processo iniciático ou transmutação em sistemas como o da alquimia, apontam para essa experiência de transformação do praticante.

5. Arthur Versluis, Professor na Universidade Michigan State e editor da revista académica online *Esoterica*, na sua obra *What is Esoteric? Methods in the Study of Western Esotericism* (2002), acrescenta aquilo que considera outra característica fundamental: A Gnose¹⁵.

¹⁰ Poderíamos ilustrar através de dois tipos de correspondências: a) na Natureza (visível e invisível), e.g. Astrologia; b) entre a Natureza e a História, e.g. Cabala.

¹¹ Encontramos esta visão do mundo na obra de Paracelso (1493-1541) e, mais recentemente, na chamada Filosofia da Natureza, Naturphilosophie – uma corrente do idealismo alemão do século XIX, ligada ao Romantismo. Inspirada na *Crítica da Faculdade do Juízo*, de Kant, e na obra de Fichte. Teve Friedrich Schelling como seu principal promotor.

¹² Segundo Henry Corbin, a imaginação representa uma dimensão autónoma de intermediários (*mundus imaginalis*), onde as visões, as aparições, os anjos e as hierarquias ocorrem independentemente de um sujeito que as perceba. Vide Corbin, *Creative imagination in the Sufism of ibn 'Arabi* (p. 4).

¹³ Esta experiência da visão, ou clarividência em detrimento da fé, é precursora de uma filosofia visionária, observável em autores como Paracelso, Jacob Boehme (1575-1624), Emanuel Swedenborg (1688-1772) ou Rudolf Steiner (1861- 1925).

¹⁴ Ver a secção do Glossário, onde se desenvolve o conceito.

¹⁵ Versluis defende que a gnose não pode ser excluída da definição de esoterismo, porque ela mesma representa o processo através do qual o esoterista acede ao conhecimento superior e escondido acerca do cosmos e da sua transcendência. O conhecimento, enquanto gnose, não é o resultado de um exercício racional, mas provém de um acontecimento espiritual. Na sua obra «What is Esotericism?» (2002), refere: “The most important element missing from Faivre’s list of the characteristics of Western esotericism is *gnosis*”.

De acordo com Versluis, ao estender-se o estudo do esoterismo desde a Antiguidade até aos dias de hoje, constata-se que é a gnose que se mantém central ao longo de todo o período. O autor inclui nesta noção a intuição direta sobre os aspetos escondidos ou esotéricos do cosmos numa perspetiva dual, sujeito-objeto, revelando correspondências entre partes do universo, e, por outro lado, a intuição espiritual sobre a dimensão transcendente do universo, que pode ser entendida como não-dual¹⁶.

Concorrem para esta perspetiva os estudos de Gilles Quispel (1916-2006), académico responsável por estudos aprofundados sobre os textos de Nag Hammadi, que defende na sua reconhecida obra *Gnosis: The Third Component of the European Cultural Tradition* (1980), que a cultura ocidental assentava fundamentalmente em três alicerces: Racionalidade, Fé e Gnose¹⁷.

Perspetivas metodológicas

À medida que os estudos sobre o Esoterismo Ocidental ganhavam maturidade, foram sendo desenvolvidas diferentes perspetivas, que correspondiam a reflexões, abordagens e tratamento da informação, distintas entre si. As perspetivas iniciais apesar de hoje se considerarem parcialmente ultrapassadas, permitiram um trabalho pioneiro. Assim, inicialmente, na perspetiva Tipológica, muito comum nos investigadores da primeira metade do século XX, os termos ‘esoterismo’ ou ‘esotérico’ designam determinados tipos de atividade religiosa, frequentemente relacionadas com a noção de secretismo, ou a uma dimensão dessas atividades inacessível a não ser por uma elite preparada para a receber. Esse conhecimento secreto assume uma função salvífica,

¹⁶ Na mesma obra, Versluis debate sobre o entendimento de gnose:

I am using the word gnosis to refer to 1. knowledge or direct perception of hidden or esoteric aspects of the cosmos (cosmological gnosis) as well as to 2. direct spiritual insight into complete transcendence (metaphysical gnosis). Cosmological gnosis still entails a subtle dualism of subject-object, to some extent belongs to the realm of knowledge, and reveals correspondences between subject and object, or between humanity and the natural world. These correspondences may be drawn upon to achieve some aim, as in alchemy, astrology, or magic. Metaphysical gnosis is non-dualistic spiritual insight.

¹⁷ Referido e citado por Wouter J. Hanegraaff, como base do seu artigo “Reason, Faith, and Gnosis: Potentials and Problematics of a Typological Construct, em:

[https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/7219398/Heidelberg%20Reason%20Faith%20Gnosis.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1513038573&Signature=V9YVcfyzf3gyKGPYYpK5iK52zn8%3D&response-content-](https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/7219398/Heidelberg%20Reason%20Faith%20Gnosis.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1513038573&Signature=V9YVcfyzf3gyKGPYYpK5iK52zn8%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DReason_Faith_and_Gnosis_Potential_and_Pr.pdf)

[disposition=inline%3B%20filename%3DReason_Faith_and_Gnosis_Potential_and_Pr.pdf](https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/7219398/Heidelberg%20Reason%20Faith%20Gnosis.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1513038573&Signature=V9YVcfyzf3gyKGPYYpK5iK52zn8%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DReason_Faith_and_Gnosis_Potential_and_Pr.pdf), página consultada em 11 de dezembro de 2017.

reservado a alguns seletos discípulos iniciados. A perspetiva tipológica inclui também o ponto de vista a partir do qual as dimensões externas, portanto exotéricas, de uma religião são vistas numa polaridade oposta aos seus níveis interiores, mais próximos da sua essência, de natureza universal. Alguns autores designam esta perspetiva como perenialista¹⁸. Situam-se neste prisma autores como Mircea Eliade ou Henry Corbin. De modo geral, um autor que se situa neste ponto de vista possui alguma identificação intelectual com o seu objeto de estudo e tende a promover a dimensão interior das religiões como sendo mais verdadeira por contraste aos seus aspetos ‘meramente’ superficiais ou exotéricos¹⁹.

Numa perspetiva tipológica pode considerar-se também um ponto de vista do tipo Religionista. Neste tipo de perspetiva, o olhar do investigador está permeado por noções e ideias pré-concebidas, ou por uma grelha conceptual, formadas a partir de uma matriz cultural religiosa. São exemplos disso classificações que recusam designar como religião correntes religiosas que não pressupõem uma noção teísta de um Deus pessoal. Ou por não considerar religiosas práticas de tradições civilizacionais exógenas, por se focarem em resultados empíricos. Ou ainda, focando-nos no esoterismo, a consideração de ‘verdadeiro’, ou ‘falso’, tendo por base noções veiculadas por uma determinada escola de pensamento esotérico ou de uma específica ‘via iniciática’.

Em forte contraste com as perspetivas tipológicas, a academia foi sedimentando gradualmente a Perspetiva Histórica. Nesta, o conceito ‘esoterismo’ é utilizado como definição geral para determinadas correntes específicas da cultura ocidental que traduzem semelhanças entre si e que se verifica serem historicamente relacionadas. Filosoficamente pode ser considerado um “padrão de pensamento”. De forma a realçar a perspetiva

¹⁸ Perenialismo consiste na crença de que existe um princípio universal comum a todas as tradições ou filosofias. o conceito surge originalmente com Agustino Steuco (1497-1548) no seu livro *Perenni Philosophia* (1540) como uma tentativa de harmonizar todas as tradições com os princípios básicos do Cristianismo. A popularização do termo – deixou de estar limitado ao Cristianismo para passar a significar um conceito universal – deu-se através de Aldous Huxley, com o seu livro *The Perennial Philosophy* (1944).

¹⁹ Henry Corbin é enfático nesta perspetiva quando afirma: “En revanche, pour tous nos ésotéristes, le monde intérieur désigne la réalité spirituelle d’univers suprasensible qui, en tant que réalité spirituelle, est celle qui cerne et enveloppe la réalité du monde extérieur. (...) Sortir de ce que nous appelons communément le monde extérieur est une expérience non pas subjective, mais aussi objective que possible, même s’il est difficile d’en transmettre l’évidence à un esprit qui se veut moderne”. In Corbin, H. (1991). *En Islam Iranien: Aspect Spirituels et Philosophiques* (p. 82). Paris: Gallimard.

histórica, a maior parte dos académicos prefere hoje em dia falar de ‘Esoterismo Ocidental’, reforçando – em detrimento da perspetiva tipológica – a dimensão histórica.

Em relação direta com estas classificações, situam-se as definições lançadas em debate por Wouter Hanegraaf - atualmente diretor do Centro de História da Filosofia Hermética e Correntes Relacionadas na Universidade de Amesterdão –, que defende uma metodologia estritamente histórica ou empírica, assinalando a importância de uma abordagem o mais neutra possível por parte do investigador. Hanegraaf salienta assim um tipo de atitude, ou perspetiva *ética*, em oposição a uma atitude, ou perspetiva *émica*. A “atitude émica” (Hanegraaf, 1999: 42-44) considera que os objetos de análise dos campos ‘esotéricos’ só podem ser conhecidos e descritos por quem possui ‘conhecimento de causa’, por quem seja ‘iniciado’ e, portanto, tenha experienciado e possa estudar e descrever a partir de ‘dentro’, que teria como resultado posturas apologéticas, subjetivas, não-científicas. Pelo contrário, para Hanegraaf, a “atitude ética”²⁰ designaria uma postura na qual o investigador não teria qualquer experiência de relação pessoal com os objetos em análise, sob pena de perder a isenção e o rigor. O debate desenvolvido em torno destes dois pólos resultou num consenso académico relativamente intermediário, que admite a possibilidade e eventualmente a vantagem da experiência pessoal. Empática com o objeto em análise²¹, contanto que o investigador se situe no quadro de compromisso com o “Ceticismo Metodológico”. O Ceticismo Metodológico designa uma postura de neutralidade e distanciamento nos métodos de estudo e descrição das realidades estudadas, nas quais, independentemente das crenças e experiências pessoais, o investigador está comprometido com uma atitude neutra na investigação e a um discurso ‘cético’ na exposição.

No mundo lusófono, o trabalho de Investigação em Gnose e Esoterismo Ocidental, coordenado atualmente pelo autor deste artigo, participa dos desenvolvimentos

²⁰ Hanegraff é particularmente crítico em relação a abordagens a que chama “religionistas”, nas quais se observa uma identificação por parte do estudioso adotando por vezes uma postura apologética em relação ao seu objeto de estudo.

²¹ Para Arthur Verluis, não é possível estudarmos de forma adequada o esoterismo sem em alguma medida conseguirmos ter uma atitude minimamente empática, por se tratar de um território não familiar a uma visão estritamente racionalista. Concomitantemente, Verluis defende aquilo que define como “empirismo simpatético”, ou seja, uma posição intermédia entre as duas abordagens, ética e émica, que consiga extrair em termos metodológicos o melhor de ambas. Para o professor, é importante equilibrar uma visão académica objetiva no estudo do esoterismo ocidental com uma abordagem que procure perceber empaticamente o sujeito estudado.

epistemológicos e metodológicos levados a cabo pela comunidade académica deste campo científico, aliando aos recursos desenvolvidos pela História das Ideias, os da Filosofia. Com isto pretende-se que o “ceticismo metodológico” adotado no modelo de apresentação, não se torne numa forma de ‘higienização’, caracterizada pelo totalitarismo da atividade descritiva, e que possibilite de forma fundamentada a reflexão crítica e filosófica.

As implicações de uma abordagem do Esoterismo Ocidental pela Filosofia constituem uma outra questão, que vale a pena ser tratada com a devida profundidade num artigo dedicado.

Bibliografia:

BROEK, R. van den, WOUTER J. Hanegraaff (1998), *Western Esoteric Traditions: Gnosis and Hermeticism from Antiquity to Modern Times*, Albany, State University of New York.

FAIVRE, Antoine (2000), *Theosophy, Imagination, Tradition: Studies in Western Esotericism*, Albany, New York Press.

____ (1994), *Access to Western Esotericism*, Albany, State University of New York Press.

FAIVRE, Antoine, HANEGRAFF, Wouter (1998), *Western Esotericism and the Science of Religion*, Leuven, Peeters.

HANEGRAAF, Wouter J. (2006), *Dictionary of Gnosis & Western Esotericism*, Leiden, Brill.

____ (1999), *On the Construction of 'Esoteric Traditions, in Western Esotericism and the Science of Religion*, Leuven, Peeters.

HANEGRAAF, Wouter J., PIJNEGURG, Joyce (2009), *Hermes in the Academy: Ten Years' Study of Western Esotericism at the University of Amsterdam*, Amsterdam, University Press.

MATEUS, Gabriel (2013), «A Construção do Lugar Académico dos Estudos sobre Esoterismo», *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, Ano XII nº. 18/19, pp. 11-24.

STUCKRAD, Kocku von (2005), *Western Esoterism: A Brief History of Secret Knowledge*, London-Oakville, Equinox Publishing

VERSLUIS, Arthur (2007), *Magic and Mysticism: An Introduction to Western Esotericism*, Maryland, Rowman and Littlefield Publishers.

____ (2002), «What is Esoteric? Methods in the Study of Western Esotericism», em *Esoterica, web*, consultado a 11 de dezembro de 2017, <http://www.esoteric.msu.edu/VolumeIV/Methods.htm>.